

A História da Segunda Guerra Mundial

Frentes de Batalha Definidas

Distribuição: Synapse

No outono de 1939, a relativa tranquilidade que a Europa vivia desde o final da Primeira Guerra Mundial, foi interrompida quando o líder da Alemanha nazista, Adolf Hitler, ordenou a invasão da Polônia em primeiro de setembro. O pandemônio continuou quando tanques invadiram a fronteira, esmagando tudo o que estivesse em seu caminho, e bombas cruzavam o céu desencadeando o caos, destruindo cidades e vilas e espalhando terror a todos que corriam embaixo. Milhares de homens, mulheres e crianças foram mortos nesse ataque impiedoso, e, apesar de muitos terem lutado bravamente para defender a capital da Polônia, Varsóvia, em 17 de setembro, o exército soviético aliado aos alemães, começou a entrar pela fronteira norte da República Polonesa.

Ficou logo claro que a batalha era inútil, e enquanto a Polônia esperava pela ajuda que a França e a Grã-Bretanha haviam prometido, ela não podia mais afugentar a ocupação inevitável a seu país. E em 6 de julho, enquanto os nazistas se espalhavam por Varsóvia, o povo polonês se preparava para encarar seus piores medos.

A invasão da 2ª República Polonesa seria um evento que mudaria a história do mundo. E enquanto a Alemanha, uma nação amargurada com pobreza e a desgraça nascida de sua derrota na Primeira Guerra Mundial, tomava territórios que considerava seus por direito. Os dias de glória dos impérios francês e britânico tinham acabado.

E enquanto as forças de Hitler atravessavam furiosamente o continente, ficava claro que o poder devastador do Terceiro Reich, agora escrevia um capítulo novo e aterrador nas páginas da história. O Exército Vermelho de Stalin e o Viermart alemão, tomavam terreno na Europa sem resistência, já que demorou um tempo considerável até que os aliados reunissem forças para combater o avanço dos invasores. Os meses de janeiro até março de 1940, seriam marcados por movimento e manobras cautelosos. Apesar de esse período da Segunda Guerra Mundial se descrito geralmente como a “Guerra de Mentira”, as tempestades que se formavam agora no mar e em terra e na arena política teriam significado vital enquanto as hostilidades entre nações europeias cresciam.

Do terror enfrentado na Polônia ocupada e a luta amarga na Finlândia, as batalhas em alto-mar e as tensões crescentes nas frentes internas, este programa vai mostrar como as primeiras frentes de batalha foram definidas e um conflito que seria o mais devastador na história da humanidade.

Adolf Hitler acreditava que para sua pátria sair mais uma vez do abismo econômico, uma luta terrível e violenta seria necessária. De acordo com o führer nazista, desde a Revolução Francesa, o mundo se movia em direção a um grande conflito, e era dever da Alemanha assegurar a sua própria existência de todas as maneiras possíveis. Ele prometeu aos alemães uma economia melhor, a exigência do território perdido depois da Primeira Guerra Mundial e justiça pela humilhação que o país tinha enfrentado por causa do tratado de Versalhes.

Hitler também nutriu sentimentos pessoais incluindo um ódio profundo aos judeus e comunistas. Apesar de sua desconfortável aliança com os soviéticos durante a invasão à Polônia, o obrigar a tolerar o comunismo, ele imediatamente pôs em prática os planos de extermínio aos judeus. Com zelosa determinação para vingança, Hitler estava disposto a mostrar para o mundo que qualquer tentativa de diplomacia de argumentação seria inútil.

Os eventos que levaram a declaração da guerra, provaram que Hitler não era confiável, com uma máquina militar aparentemente invencível tomando o que os nazistas

acreditavam ser seu, qualquer nação que tentasse ficar no seu caminho, estava destinada a ser destruída.

A estrela de Hitler estava em ascensão, a Tchecoslováquia havia sido ocupada, a Áustria foi forçada a se anexar a Alemanha, e chegando ao fim da década de 1930, a Polônia agora era a terceira nação a ver soldados nazistas marchando através de suas fronteiras. Assinado o pacto Anglo Polonês, a Grã-Bretanha aliada à França, não tinha alternativa senão ir para a guerra contra o Terceiro Reich. Mas como eles deteriam a supremacia das tropas de Hitler ainda não se sabia.

E enquanto os aliados viam os acontecimentos, janeiro de 1940 mostrava um ano cheio de incertezas, nenhuma atitude havia sido tomada para intervir na invasão nazi soviética, e nas ruas destruídas pela guerra na Polônia havia pouco o que se comemorar. E mais, após o terror do ataque inicial, a ocupação alemã provava ser ainda mais devastadora. Hitler não tinha respeito pelo povo polonês, que ele considerava um pouco melhor que sub-humanos, e logo ficou evidente que era o país que ele queria. Havia algum tempo, Hitler defendia a criação de mais espaço para os civis alemães, e planejava varrer todos os habitantes da Polônia, permitindo apenas que um certo número restasse para trabalhar como escravos. A crise que a Polônia enfrentava agora era apavorante, e em janeiro, foram feitos planos de construção de campos de prisioneiros no território polonês parecidos com os que já existiam na Alemanha. O mais conhecido deles, era localizado na ponta da aldeia de Auschwitz, e até hoje, só a menção de seu nome, evoca todos os horrores da Segunda Guerra Mundial. Muitos poloneses foram sistematicamente enviados para lá para morrer, entre eles, vários homens mulheres e crianças de descendência judaica, a perseguição de Hitler aos judeus ganhava impulso. Mas estes protótipos de campos de concentração eram o início dos planos de Hitler para a nação polonesa, ele queria que todos o vestígios da cultura polonesa fossem apagados. Universidades foram fechadas ou destruídas e professores e intelectuais foram presos e executados, adolescentes eram recolhidos e enviados para a Alemanha para trabalhar em fábricas, enquanto crianças de cabelos louros, olhos azuis e outros traços arianos, eram arrancadas de seus pais para serem criadas como alemãs e filhas do Terceiro Reich. Não há dúvidas de que a guerra criada por Hitler contra a Polônia, e de completa e total aniquilação, e no final da guerra em 1945, por volta de um quinto dos cidadãos do país estavam mortos, a mais alta taxa de mortalidade entre todos os países envolvidos na Segunda Guerra Mundial. 3 milhões de mortos eram judeus, e enquanto as forças nazistas seguiam para oeste, os eventos da Polônia se tornavam uma das maiores tragédias na história humana.

E não era só com os nazistas que os poloneses tinham que lidar, enquanto o oeste da Polônia estava nas trevas da ocupação alemã, ao leste, cidadãos aterrorizados encaravam a ameaça da invasão russa. Diferente da luta furiosa no leste, o Exército Vermelho de Stalin, tinha, a princípio, encontrado pouca resistência, devido ao grande sucesso da propaganda soviética feita para muitos ucranianos, bielorrussos e pró-comunistas no país. Eles estavam convencidos de que os soviéticos estavam lá para o seu bem, e receberam os invasores de braços abertos, na confusão, muitos poloneses acreditavam que os soldados russos planejavam lutar contra os nazistas. Mas logo ficou claro que apesar de suas diferenças, Alemanha e União Soviética trabalhavam agora juntas, e os poloneses sofreriam na mão dos russos, tanto quanto sofreram com os comandantes de Hitler.

Em agosto de 1939, a União Soviética assinou um pacto de não agressão com Hitler, que assegurava, que diante da beligerância alemã, os russos se manteriam em termos pacíficos com os nazistas. Mas também havia um protocolo secreto, somente descoberto depois do final da Segunda Guerra, que revelava que Stalin e Hitler, fizeram planos para devastar o leste europeu, dividindo os espólios entre Alemanha nazista e União Soviética comunista.

Em troca da ajuda de Stalin na conquista da Polônia, Hitler concordou em deixar o leste para os soviéticos. Os russos poderiam ocupar a Estônia, e Letônia e a Lituânia sem a oposição da Alemanha. Ocupando também território valioso na Finlândia. Em quanto isso Hitler marchava para oeste assegurando matéria-prima valiosa para a economia do Terceiro Reich.

Militarmente, a relação das forças soviéticas e alemãs pareciam ser benéficas. Mas, na verdade, por trás dos rostos sorridentes, estava claro que a aliança era frágil, e diante das ideologias políticas completamente diferentes, o acordo não deveria durar. Nos planos russos, Stalin construiria uma zona intermediária entre seu país e o ocidente, e logo começou a empurrar tropas para portos em torno dos pequenos países Bálticos, que ruíram sob a pressão soviética. No início de outubro de 1939, Stalin começou a fazer exigências à Finlândia, ele queria assegurar terras próximas a Leningrado, Ilhas no Golfo da Finlândia e o uso da base naval. Em troca, oferecia territórios soviéticos aos finlandeses em sua fronteira leste. Mas eles não se convenceram.

Finlândia e União Soviética tinham um histórico complicado. No início do século XIX, a Finlândia fazia parte da Suécia, até o czar russo, Alexandre I, liderar tropas pelo mar Báltico congelante para lutar ao lado dos finlandeses em 1808. Um ano depois, a Suécia perdeu um trecho leste do seu país, que foi estabelecido como o Grão do Cado da Finlândia, parte do Império russo. Pouco mudou até mais de um século depois, ideias revolucionárias começaram a entrar na consciência de milhares de trabalhadores russos, e as fronteiras do império começaram a desmoronar. Com milhares de soldados russos morrendo nos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial, e os terríveis racionamentos de comida na frente interna, a revolução, aos poucos, engolia o país em 1917. Logo o Exército Vermelho estava marchando pelas ruas de São Petersburgo, espalhando a causa bolchevique, não demorou para que o regime czarista e seu poderoso império, entrasse em colapso, deixando o país em uma guerra civil sangrenta.

Houve reviracões que afetaram a todos que faziam parte do império. E enquanto na Rússia o Exército Vermelho e comunismo prevaleciam, a guerra civil engolia a Finlândia, e o Exército Branco, apoiando a monarquia, foi vitorioso. Enquanto Vladimir Lenin segurava as rédeas do poder e a União Soviética se erguia do antigo regime, a Finlândia se tornou estado independente e se libertou das garras do Império Russo.

Mas não há dúvidas de que os soviéticos ainda eram um perigoso adversário logo ao lado da fronteira leste da Finlândia. O homem que tinha liderado o Exército Branco até a vitória, o barão Karl Mannheim, queria marchar a São Petersburgo para rechaçar os Bolcheviques, mas no final os finlandeses construíram grandes fortificações próximas à fronteira soviética. Chamada de "Linha Mannheim", em homenagem ao barão, ela seria vital na defesa da Finlândia, quando a Segunda Guerra Mundial foi crescendo. No final de novembro de 1939, enquanto as negociações continuavam entre Finlândia e União Soviética, Stalin ficou impaciente e o Exército Vermelho recebeu ordem para invadir. O barão Mannheim, mais uma vez foi chamado para assumir o comando, dessa vez contra o general soviético, Vertsov, que havia previsto que seus homens chegariam a capital finlandesa Elcinq, em dez dias.

Mas enquanto comandantes soviéticos reviravam mapas e pensavam em estratégias, eles não imaginavam como a luta contra os finlandeses acabaria sendo difícil. Sem fardas para o inverno e precisando de provisões para uma longa campanha, as tropas soviéticas, marcharam em direção a Linha Mannheim durante o segundo inverno mais frio em mais de um século na Europa.

Apesar de em menor quantidade e mal equipados, os finlandeses estavam acostumados a lutar no frio, e logo conseguiram prevalecer. Vestindo camuflagem branca e atravessando rapidamente o conhecido território gelado em esquis, eles tinham considerável vantagem, e as perdas soviéticas aumentavam. Com o passar de janeiro de 1940, uma das batalhas mais famosas da guerra de inverno, a Batalha de Suomussalmi,

estava prestes a terminar. Avançando pelo norte e pelo sul, duas divisões russa planejavam se encontrar na aldeia de Suomussalmi antes de seguirem para oeste, para a cidade de Oulu, dividindo o país ao meio. Com a perspectiva de enfrentar os russos atacando em duas frentes, os finlandeses lutaram determinadamente. Tropas de esquis fizeram manobras circundando flancos e pegaram a traseira e o meio da divisão norte de surpresa. E enquanto isso, ao sul, lagos congelados se tornaram armadilhas fatais. Depois de atravessar os lagos congelados, os uniformes escuros dos soviéticos os tornaram alvos fáceis na neve branca, e as tropas finlandesas com atiradores de elite, puderam atingir um a um, com o finlandês Simo Hayha, se destacando como o atirador mais certo da história, matando mais de 500 soldados.

Enquanto isso, apesar da falta de armas antitanques sofisticadas, os finlandeses improvisaram bombas mortais, chamadas de Cocktails Molotov, em homenagem ao ministro do exterior russo, destruindo quase dois mil tanques durante a guerra. Encarando a forte oposição, o Exército Vermelho foi forçado a recuar, se tornando novamente presa fácil para as tropas de esquí finlandesas. Sofrendo com as temperaturas congelantes, os exércitos russos se dividiram em grupos isolados. E quando se reuniam em torno de fogueiras, eram rapidamente cercados e eliminados. As florestas, lagos cobertos de gelo e estradas da Finlândia, logo ficaram cheias de corpos congelados de soldados russos, que eram cada vez mais vítimas do frio e dos constantes ataques dos finlandeses.

Em 8 de janeiro, ficou claro que os russos haviam perdido a Batalha de Suomussalmi. A Finlândia não só tinha atingido uma vitória decisiva, mas também pôde recolher munições soviéticas e tanques abandonados pelos campos. Mas essa era apenas uma batalha na guerra árdua. E a Finlândia não podia suportar por muito tempo sem a ajuda dos aliados.

Na Grã-Bretanha e na França, as emoções estavam a flor da pele, e enquanto os bravos soldados finlandeses povoavam a imaginação do público. Até mesmo nos Estados Unidos, ainda neutros, haviam muitos que apoiavam os finlandeses e gostariam de ajudar, alguns chegaram até a ir para a Finlândia lutar como voluntários.

Mas com a continuação do inverno, Hitler sabia bem que os aliados podiam ajudar aos finlandeses, e a ideia de soldados britânicos e franceses se aproximando da esfera nazista de conflito, foi motivo de preocupação. A Finlândia estava desconfortavelmente perto das neutras, Suécia e Noruega, países que eram de vital importância para a máquina de guerra nazista, fornecendo o precioso minério de ferro. Se decidissem enviar tropas à Finlândia, os aliados teriam que cruzar estes dois países, e com uma posição segura na área, poderiam invadir portos e estações vitais para a economia do Terceiro Reich.

Estava claro que os aliados precisavam ficar a margem, e o comandante alemão Ghered Fom Rosted, apressou o fúhrer, a tomar bases estratégicas na Escandinávia, antes que britânicos e franceses chegassem lá. No entanto, o governo britânico ainda estava relutante em tomar qualquer posição, preferindo se manter na defensiva. A voz solitária de Winston Churchill, o primeiro lorde do almirantado, continuava a avisar sobre as intenções malignas de Hitler. Ele louvava a bravura das tropas finlandesas, e foi a favor de se enviar ajuda o mais rápido possível. Ele também criticou a Noruega e a Suécia por se manterem neutras dizendo: "Todos esperam que se alimentarem bem o crocodilo, ele irá comê-los por último". Mas o primeiro ministro, Neville Chamberlain, que tinha trabalhado duro para assegurar a paz na Europa, antes do início da guerra, seguindo um momento de conciliação até o momento em que Hitler marchou para a Polônia, ficou hesitante em ajudar a Finlândia. Em termos diplomáticos, isso não só significaria um ato hostil contra a Alemanha nazista, como contra a União Soviética também, e os aliados simplesmente não tinham força militar para lutar contra ambos. Desde que a Polônia foi invadida, britânicos se preparavam para a guerra aumentando a produção militar e recrutando homens para as forças. Mas os alemães tiveram anos sem desafios

construindo sua força militar e eram bem superiores. Quanto mais os britânicos pudessem enriquecer o exército, a marinha e a força aérea, mais chances eles teriam de sobreviver a uma longa guerra. Dias de treinamentos eram realizados para que as pessoas estivessem no auge de sua condição física, quando mandadas para a batalha ou para defender sua frente interna. Havia também, tropas aliadas indo para a Grã-Bretanha, vindos de países de todo o globo. Da Austrália, Nova Zelândia e Canadá, soldados saiam dos barcos para pegarem armas e lutarem pelos aliados.

Junto a preparação para a batalha, precauções também foram tomadas contra um bombardeio nazista às terras britânicas. Máscaras de gás foram distribuídas para aplacar o medo dos ataques com gases que foram feitos nos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial. Holofotes foram instalados nas maiores cidades para iluminar aeronaves inimigas, e os blecautes noturnos se tornaram comuns. Depois do estrago causado pelo ataque de zeplins alemães na Primeira Guerra Mundial, todo esforço, foi feito para proteger os tesouros nacionais britânicos. Sacos de areia eram usados para proteger prédios importantes, vitrais foram removidos, quadros foram retirados da National Gallery, e junto com eles, manuscritos inestimados do British Museum, foram guardados em abrigos antibombas. Também havia a população civil a se considerar. Muitas crianças já tinham sido levadas em segurança das cidades britânicas para o campo no outono anterior. Mas em janeiro de 1940, com poucas evidências de ameaça imediata, elas voltaram a suas casas, fazendo com que muitos duvidassem se uma guerra de verdade ocorreria contra Hitler e a Alemanha nazista.

Apesar de não haver luta na frente interna, os cidadãos da Grã-Bretanha estavam começando a sentir o efeito de uma guerra europeia. A nação importava 55 milhões de toneladas de comida do ano, e o governo alemão acreditava que se pudesse cortar o suprimento de comida, e destruir o comércio, o país ficaria de joelhos. Submarinos e navios de guerra nazistas atacavam navios mercantes britânicos desde o outono de 1939, e mesmo com um sistema de escolta pronto para proteger embarcações, ainda haviam grandes perdas.

[Diálogo entre soldados nazistas em um submarino]

– *Tem que estar bem na mira, vai entrar no alvo. Fogo!*

[Explosão]

– *No alvo!*

Centenas de marinheiros mercantes britânicos tiveram que pular de navios afundando nesses primeiros meses de “Guerra de Mentira”. E aqueles que não morriam no mar, eram levados presos pelos agressores nazistas. Foi um conflito que se tornaria a mais longa campanha militar da Segunda Guerra Mundial, e seria chamada por Churchill de “A Batalha do Atlântico”. Em quanto isso, em terra firme, os estoques de comida começavam a baixar na Grã-Bretanha. O governo decidiu que o racionamento teria que ser introduzido nas primeiras semanas de janeiro de 1940. Todos receberam carnês de racionamento, e enquanto as filas se formavam na frente das lojas, as pessoas esperavam pacientemente a vez de receber suas porções cuidadosamente pesadas de manteiga, bacon e açúcar. Com o passar dos meses, cada vez mais produtos eram adicionados aos carnês de racionamento, já que as importações caíram a menos de um quarto da quantidade normal. Este era apenas o início das mudanças dramáticas que as pessoas teriam que se acostumar na Grã-Bretanha no período de guerra. Mas se Hitler esperava esmagar o espírito britânico, ele veria rápido que precisaria muito mais do que dificuldades pessoais para atingir sua moral.

Foi inevitável que a situação deteriorasse com a progressão da guerra. E numa

tentativa de se preparar para um declínio futuro nas importações, o governo britânico, convocou todos os homens e mulheres do país, a plantar sua própria comida, mesmo que isso significasse transformar seus jardins, campos esportivos, e até jardins públicos cuidados, em hortas. Flores foram substituídas por repolho. E enquanto os políticos faziam seus pedidos apaixonados para que o povo fizesse sua parte, as terras britânicas usadas para a produção de comida, cresceram em 80 por cento.

[Lorde Woolton, o Ministro da Comida, discursando na televisão]

- Você está colaborando para que vençamos a guerra no front da cozinha? Se você se esforça para fazer o melhor com o que planta em casa, se você cultiva legumes em qualquer pedaço de chão que tiver, se estiver comendo somente o que precisa e não o que gostaria, por mais que goste, então você está ajudando a vencermos a guerra.

Logo eram vistos cartazes em todos os lugares, de estações de metrô a escritório, encorajando todos a “cavar para a vitória” e muitos outros slogans atraentes foram usados. Mas mesmo com a produção caseira de comida aumentando, ficou evidente que depois de décadas de migração para o trabalho urbano em fábricas, a Grã-Bretanha, precisava muito de trabalho rural. Havia uma carência de até 50 mil trabalhadores, e com cada vez mais homens sendo recrutado para a guerra, agora eram as mulheres britânicas que precisavam fazer sua parte.

O exército feminino do campo foi logo mobilizado para manter as plantações funcionando, e isso marcaria uma grande virada para as mulheres no século XX, já que elas saíram de seu tradicional papel na sociedade e foram para posições geralmente ocupadas por homens. E não era só o trabalho na terra que as mulheres eram encorajadas a assumir, com a continuação da guerra, elas também seriam recrutadas para trabalhar em fábricas, e até para entrar para o exército, marinha e aeronáutica, tornando-se importantes como seus pais, maridos e filhos, lutando pelo rei e pelo país.

Mas enquanto a Grã-Bretanha se contentava em conviver com suprimentos de comida reduzidos, e se preparava para a guerra, a ameaça nazista se aproximava mais do que poderiam imaginar.

As valiosas matérias-primas na Escandinávia, não eram o único interesse de Hitler, porque a oeste da Alemanha, e em fácil acesso pela França, está, o que o fôhrer descreveu como o calcanhar de Aquiles do Terceiro Reich, o Vale do Ruhr.

Depois da derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, a França ocupou esse território, que com sua produção valiosa de carvão, ferro e aço, era a região mais rica de toda a Alemanha. A ocupação francesa do Ruhr, contribuiu para o colapso econômico da Alemanha no final dos anos 20. E apesar do fato de uma década depois as tropas francesas já terem deixado a Renânia, em 1936, Hitler tornou prioridade o envio de tropas nazistas ao território para salvá-lo. O progresso da guerra, dependia da posse do Ruhr, e um dos maiores medos de Hitler, era de ele lhe fosse tirado novamente. Em um discurso para seus partidários, ele avisou que se Inglaterra e França invadirem a Bélgica e a Holanda pelo Ruhr, estariam em grande perigo. Em consequência, ele estava pronto para agir declarando:

- Devo atacar França e Inglaterra no momento mais favorável e mais rápido, o rompimento da neutralidade da Bélgica e da Holanda, é inexpressivo, ninguém vai questionar isso quando tivermos vencido.

O que Hitler propôs, seria um plano de batalha bem ensaiado, já que tropas alemãs invadiram a Bélgica, apenas duas décadas antes durante a Primeira Guerra Mundial, e o resultado final não foi nada satisfatório na visão de Hitler. Com um forte desejo de

vingança, Hitler se preparou para enviar o exército alemão de volta à Bélgica para atingir os objetivos estruídos pelo armistício de 1918. Com o crescimento diário do medo de perder o precioso Vale do Ruhr, Hitler ordenou que a conquista dos países baixos fosse executada o mais rápido possível para evitar que a França os ocupasse primeiro. Uma presença nazista na Bélgica e na Holanda, também daria base para uma campanha longa e bem sucedida pelo ar e pelo mar, contra a Grã-Bretanha, uma nação que Hitler temia. Apesar de não ter medo de Chamberlain, que ainda evitava agir como primeiro ministro, o primeiro lorde do almirantado, Winston Churchill, é que dava mais motivo de preocupação ao fúhrer. Hitler estava, sem dúvidas, contando com elemento surpresa. Mas enquanto a Grã-Bretanha não agia, os planos alemães foram inesperadamente revelados.

Em 10 de janeiro de 1940, um avião de reconhecimento alemão decolou de Berlim com os planos de invasão de Hitler a bordo, e seguiu para uma reunião em colônia. O avião nunca chegaria a seu objetivo, e seu destino, de acordo com alguns, mudaria todo o resultado da guerra. Perdido na neblina, o piloto confundiu o Rio Meuse, que passa pela Bélgica, com o Rio Reno, e quando o avião de repente teve dificuldades, estava muito fora de curso. Obrigado a fazer um pouso forçado nas Cercanias de Medellin, na Bélgica, o piloto estava muito longe de casa. Enquanto os dois oficiais a bordo saíam dos destroços, os guardas de fronteiras belga, descobriram os documentos, e quando foram passados para a inteligência aliada, os planos de ataque à Bélgica e à Holanda foram revelados. Dentro de horas, as notícias chocantes foram passadas para os líderes militares, e políticos relevantes que estavam na linha de fogo nazista.

Uma vez informado dos planos de Hitler, o rei Leopoldo III da Bélgica, imediatamente telefonou para a rainha holandesa, usando a frase código: *Cuidado, o clima está perigoso*. E aí disse a rainha de Luxemburgo que *tomasse cuidado com as penas*. As estranhas palavras indicavam que um ataque alemão era iminente. Mais importante, ele também informou ao comandante supremo francês, Maurice Gamelin e seus comandantes do exército para decidir suas ações.

Apesar de haver dúvidas se os documentos seriam ou não trabalho da contrainteligência, Gamelin, decidiu que a oportunidade perfeita de pressionar a Bélgica neutra à permitir que a França avançasse para seu país. Os franceses, como Hitler havia previsto, pretendiam executar uma ofensiva contra a Alemanha, assim que tivessem força militar suficiente. Apenas dias antes da invasão prevista, Gamelin, ordenou ao primeiro agrupamento do exército e ao terceiro exército, que marchassem em direção à fronteira da Bélgica. Chegaram notícias de Lord Gort, comandante da força expedicionária britânica, já instalado na França, que esperava o aviso.

Enquanto isso, na Alemanha, se espalhava a notícia em Berlim de que os documentos preciosos podiam ter caído em mãos inimigas. Hitler ficou furioso e retirou dos postos todos os que ele acreditava serem irresponsáveis. E enquanto seu chefe de operações, o general Alfred Jodl, concluía que a situação era catastrófica.

Os belgas, no entanto, faziam um excelente trabalho, mantendo segredo de seu conhecimento, já que os alemães não faziam ideia do paradeiro de seus documentos e se tinham caído em mãos inimigas. No campo aliado, haviam complicações em troca por permitir que tropas francesas e britânicas cruzassem suas fronteiras, os belgas queriam garantias de que em caso de guerra, a integridade de seu território e de suas colônias na África, seriam protegidas, e de que eles receberiam ajuda financeira. Apesar do premier francês Daladier, confirmar as garantias, o governo britânico não estava preparado para tanto. Com a piora do clima na Bélgica, e a neve pesada começado a cobrir o território da fronteira, parecia cada vez menos provável que os alemães atacassem. E quando o príncipe Leopoldo, um neutralista, recebeu a resposta, ele decidiu uma nova estratégia. Ordenou que as tropas na fronteira da Bélgica parassem de remover os obstáculos e expulsassem à força qualquer unidade estrangeira que violasse a unidade belga, não importando de que nacionalidade fosse. Gamelin ficou furioso, e pediu que forçasse os

belgas a encarar suas responsabilidades, mas por enquanto a Bélgica se manteve neutra.

Na Alemanha, Youldon, ficou surpreso ao saber que as forças aliadas de repente estavam em alerta, e percebeu que os belgas deviam ter tido acesso aos planos de invasão capturados em Merlin. O elemento surpresa tinha sido perdido e em 16 de janeiro Hitler foi convencido a cancelar. Pelo menos por enquanto, a “Guerra de Mentira” continuaria. O incidente em Merlin estava longe de ser um desastre total para os nazistas. Eles agora sabiam como os aliados reagiriam a um ataque. Hitler insistiu que novos planos de invasão fossem feitos, e seus comandantes mais experientes começaram a desenvolver uma nova ofensiva que envolveria a invasão não só do norte, mas marchando suas tropas mais para o sul através da Floresta das Ardenas. O que ficou conhecido como plano “Corte de Foices”, previa a eliminação de toda a existência aliada e levaria à inevitável queda da França. De volta ao campo aliado, os comandantes estavam contentes por o perigo ter passado, e concentraram suas atenções da fronteira belga para a Finlândia. Depois da desastrosa derrota que os russos encararam em janeiro, Stalin rebaixou e baleou a maior parte dos comandantes responsáveis, e colocou toda a operação nas mãos do marechal Semium Timochenco.

A Finlândia precisava ser derrotada a todo custo, e reforços colossais foram enviados para oeste da Carélia. Um exército soviético de 1 milhão de homens começou a avançar com o apoio de sua força aérea. E com o início de fevereiro, os finlandeses ficaram debaixo de fogo quando russos começaram uma campanha de bombardeio que visava derrubar alvos civis e militares.

Em termos globais, as emoções estavam a flor da pele enquanto o mundo assistia a dificuldade dos finlandeses. E o político britânico Anton Idle condenou os ataques soviéticos dizendo:

- *Não só a Rússia, mas também a Alemanha, tem uma terrível responsabilidade no que está acontecendo na Finlândia neste momento. Mas somente Hitler e Ribbentrop, esses homens e suas políticas, tornaram a agressão de Stalin possível.*

Finalmente em Paris, em 4 de fevereiro de 1940, o socorro parece estar perto, quando o conselho de guerra aliado faz planos de enviar forças anglo-francesas à Finlândia. No entanto, eles ainda tinham o problema da neutralidade da Noruega e da Suécia para resolver. As tropas deveriam desembarcar no porto norueguês de Narvik e apoiar a Finlândia através da Suécia, enquanto asseguravam rotas de suprimentos pelo Carinho. E enquanto os políticos aliados deliberavam, e os finlandeses se encontravam quase sem munição, os soviéticos usaram uma enorme concentração de artilharia para destruir a posição defensiva da Finlândia, até que em 14 de fevereiro ela foi forçada a recuar. Enquanto os nazistas aperfeiçoavam os seus planos de ataque para a invasão da França, eles também estavam atentos aos eventos na Escandinávia. Tudo chegou a um ponto, em meados de fevereiro, em que um navio-tanque alemão chamado de Altmark passou pelas águas norueguesas. A bordo, estavam centenas de prisioneiros de navios mercantes afundado nos meses anteriores. Infelizmente, os noruegueses não inspecionaram a carga e permitiram que o navio passasse. Mas um avião britânico logo localizou o navio-tanque que deu o alarme. A Marinha Britânica ficou em alerta total e um de seus navios, o Cossacks começou a persegui-lo. Então em 16 de fevereiro a marinha real conseguiu entrar a bordo do navio alemão. Armados de baionetas e depois de luta corporal, conseguiu vencer a tripulação. Depois de meses de prisão, os marinheiros britânicos finalmente foram libertados. E, apesar do clima gelado da Noruega estar esperando por eles, ficaram felizes em sair de sua prisão flutuante. Mas, em breve, estariam de volta ao mar, e no dia seguinte o Cossacks se aproximou de um porto

escocês com os deques cheios de marinheiros britânicos resgatados. A marinha havia conseguido rara vitória para a Grã-Bretanha nos meses da “Guerra de Mentira”, mas estava destinada a impulsionar os nazistas a darem um passo em direção a completa dominação da Europa ocidental.

Hitler havia sido alertado para o fato de que a Grã-Bretanha não tinha a intenção de respeitar a neutralidade norueguesa, e dois dias depois do resgate, ele tornou prioridade a invasão da Noruega e da Dinamarca, chamada de “Operação Weserübung”. E por enquanto, a invasão da França teria que esperar.

A entrada flagrante da Grã-Bretanha em águas territoriais de um país neutro, também teve mais repercussões enfurecendo os noruegueses. E quando os aliados pediram direito de passagem para que pudesse ajudar a Finlândia, em 2 de março eles recusaram. O rei sueco, também estava preocupado que seu país se tornasse um campo de batalha entre a Alemanha e os aliados. Ele também recusou direito de passagem aos aliados para que ajudassem os finlandeses. Apesar das promessas de ajuda dos aliados, parecia claro ao comandante finlandês Mannheim que quanto mais a ajuda demorasse a chegar, com as tropas e a munição acabando, piores seriam as perdas para a nação. Em 5 de março, o exército soviético tinha avançado de 10 a 15 quilômetros além da Linha de Mannheim, e tinha entrado no subúrbio de Viipuri.

Para a Finlândia, não havia muito sentido em continuar lutando. Eles admitiram sua derrota em 12 de março, assinando um tratado de paz e entregando o valioso território. Tropas militares foram dispersadas, e milhares de civis começaram a longa jornada para iniciar novas vidas sozinhos. Arame farpado marcavam as novas fronteiras entre a Finlândia e a Rússia, e Churchill, furioso, escreveu:

Agora o gelo vai derreter, e os Alemães são os mestres do norte.

Churchill mais um vez, havia provado estar certo quanto a Hitler e aos perigos que o mundo encarava. Mas como primeiro lorde do almirantado, apesar de ter opiniões bem fundadas ele não tinha poderes. O primeiro ministro Chamberlain, foi hesitante como sempre em se posicionar contra Hitler, mas a confiança pública nele desaparecia e sua reputação sofria um terrível golpe. Também se considerava que o primeiro ministro francês Daladier, havia errado em não ajudar a Finlândia e ele foi forçado a renunciar. O que aconteceu na Finlândia era extremamente preocupante para os aliados, e enquanto na Europa e na Escandinávia os eventos ganhavam velocidade, no outro lado do Atlântico, nas Américas, o povo dos Estados Unidos também estava atento para ver o que aconteceria a seguir. Nesse estágio, as relações estavam tensas entre o presidente americano, e o primeiro ministro britânico. No entanto, Franklin Delano Roosevelt, fez todos os esforços para fortalecer os laços entre esses dois países.

Meses antes da deflagração da guerra, ele havia convidado o rei George VI e a rainha Elizabeth a fazerem uma visita oficial isso certamente o ajudou a melhorar as relações públicas. Mas as preocupações de Roosevelt com a atividade de Hitler na Europa, foram muito além de um sentimento de boa vontade com a Grã-Bretanha. Achava-se que com conflito na Europa, uma nova ordem mundial, poderia não favorecer os interesses americanos. Com tais preocupações em mente, Roosevelt decidiu mandar o emissário Sander Ueltze ao continente para ver se algo poderia ser feito para assegurar a paz antes que a “Guerra de Mentira” chegasse a um conflito global. O primeiro destino de Sander Ueltze foi a Itália em primeiro de fevereiro, quando ele tentou impedir que Mussoline na guerra ao lado dos Alemães. O ministro do exterior italiano que também era genro de Mussoline, não gostava dos alemães, e deu motivos para que Ueltze esperasse que os italianos pudessem desfazer a aliança com Berlim. Mas Mussoline não queria condenar seus amigos alemães, e parecia difícil convencer o ditador que queria recriar o Império Romano, de uma solução pacífica.

Em 10 de março Ueltze chega a Londres onde teve várias reuniões com estadistas, uma audiência com o rei George VI e com o primeiro ministro. Ueltz ficou surpreso com a raiva de Chamberlain demonstrava contra os alemães. Mas sua política sempre foi de evitar conflitos, e Ueltze ficou animado com o fato de o primeiro ministro considerar acalmar Berlim com concessões de colônias na África. Uma visita também foi feita para o almirantado para um encontro com Winston Churchill, mas essa, teve menos sucesso. Para Churchill, a única possibilidade para os aliados era lutar até o fim. E ele rejeitou prontamente qualquer solução pacífica, que não tivesse em seu núcleo a eliminação de Hitler.

Acontece que os comentários de Winston Churchill vieram na hora exata, porque durante a visita do emissário americano, bombardeiros nazistas cruzaram o mar do norte até costa da Escócia onde a frota britânica estava ancorada secretamente em Scapaflow. E em 18 de março, cem bombas foram jogadas em 25 minutos, atingindo navios de guerras, ferindo o pessoal da marinha e matando um homem, que se tornaria o primeiro civil a morrer em solo britânico durante a Segunda Guerra Mundial. Os pilotos da Haarp partiram para a ação e voaram em direção a Alemanha para retaliar. Parecia que enquanto a “Guerra de Mentira” continuasse, a paz estava longe dos pensamentos de quem vivia na Europa. Voando por cima de território inimigo, a Haarp mirou a base aérea alemã na ilha de Syft. O estrago foi mínimo, mas ficou claro que a paz que Roosevelt esperava promover, era apenas um sonho impossível. Na verdade, no mesmo dia em que os ataques aéreos aconteceram na Alemanha e na Grã-Bretanha, Hitler conversava com Mussoline nos Alpes Austro Italianos Brennero. Foi a primeira reunião desde Munique em 1938, e contrário às esperanças americanas de que a Itália recusaria ajuda à Alemanha, Mussoline informou à Hitler que estava pronto a se unir à Alemanha e aos seus aliados na guerra contra a Grã-Bretanha e a França no momento decisivo.

Todas as tentativas de se promover a paz foram em vão, e enquanto a arena política estava cada vez mais agitada, França e Grã-Bretanha começavam a discutir a invasão da Noruega e da Suécia para cortar o suprimento de minério de ferro da Alemanha. Em 28 de março, o conselho de guerra anglo-francês, decidiu começar a minar as águas norueguesas mas já era tarde demais. Hitler havia dado o comando e os navios de guerra alemães já estavam a caminho. A “Guerra de Mentira” estava próxima de ter um fim abrupto e a batalha já iria começar.

Com a primavera de 1940, soube-se que o conflito que viria, seria longo, difícil e amargo. Todas as esperanças de que qualquer um fizesse paz com Adolf Hitler estavam no fim. E quando ele reuniu os parceiros do eixo ao seu redor uma guerra global se tornou inevitável. O que aconteceu ante na Áustria, Tchecoslováquia e Polônia, mudaria o curso da história. A mera observação havia acabado no teatro de guerra na Europa. As frentes de batalhas foram definidas.

TÍTULO ORIGINAL: World War II – Countdown to Victory – The Ultimate Timeline
Battle Lines Drawn

TÍTULO TRADUZIDO: A História da Segunda Guerra mundial – Frentes de Batalha
Definidas

NARRADO ORIGINALMENTE POR: Liam Dale

ESCRITO POR: Myfanwy Millward

PRODUZIDO POR: © 2009 Vibe Productions Ltd

TRANSCRIÇÃO E REVISÃO: João Pedro Menegali Salvan Bitencourt

FONTE DO DOCUMENTÁRIO: TV Escola.

EXIBIDO NO BRASIL POR: TV Escola